A pesquisa narrativa: uma introdução

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
UFMG/CNPq/FAPEMIG

A Revista Brasileira de Lingüística Aplica (RBLA), em seu oitavo ano de existência, passa agora a ser financiada pela FAPEMIG com a contrapartida da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da UFMG, que lhe dão todo o apoio de secretaria e comunicação. A Revista, avaliada pela CAPES como Qualis A, está na base de dados dos seguintes indexadores: MLA, *Linguistics Abstracts*, e *Language Behavior*. Todos os números podem ser acessados na página eletrônica http://www.letras.ufmg.br/rbla/ e a versão impressa continua sendo distribuída aos sócios que se encontram em dia com as anuidades da ALAB.

Este número tem por tema a pesquisa narrativa e, ao introduzi-lo, entendo ser importante responder a duas perguntas. O que é uma narrativa? O que é pesquisa narrativa?

O que é uma narrativa?

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em seqüência; um relato de acontecimentos; uma seqüência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc. As narrativas circulam em textos orais, escritos e visuais e têm sido amplamente investigadas na área de Lingüística Aplicada. Veja, por exemplo, a edição especial do *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, editado por Benson e Nunan em 2002 e o livro organizado pelos mesmos autores em 2005. Veja também o livro organizado por Kalaja, Menezes e Barcelos (2008), objeto de resenha neste volume.

Para Todorov (1979, p. 138), uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é restabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos. Muitas das narrativas que integram os diversos

artigos mostram com clareza as instabilidades, as mudanças e os novos equilíbrios sempre diferentes dos estados iniciais.

Segundo Bruner (2002, p. 46), "uma narrativa é composta por uma seqüencia singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores" e acrescenta, mais à frente que "ela pode ser "real" ou "imaginária" sem perder seu poder como história" (p.47). Em sentido oposto ao chomskiano, Bruner (2002, p.69), sem diminuir a importância da sintaxe, entende que o ser humano "ingressa na linguagem" com "aptidões pré-lingüísticas para o significado". Ele sintetiza dizendo que "nós viemos inicialmente equipados, se não com uma "teoria" da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações". Essas interpretações são da maior relevância para pesquisadores que querem dar voz ao pesquisado e desenvolver seus estudos em uma perspectiva êmica ,o que é o caso dos estudos que compõem este número especial.

No caso desta edição da RBLA, as narrativas presentes em todos os textos podem ser identificadas como relatos de experiências pessoais. Para Labov e Waletzky (1967, p.21-22), que trabalharam com narrativas orais, a narrativa de experiência pessoal é "um método de recapitulação de experiências passadas combinando uma seqüência verbal de orações com a seqüência de eventos realmente acontecidos"[1] . Em trabalho posterior, Labov (1997) define narrativa de uma experiência pessoal, como "o relato de uma seqüência de eventos que entraram para a biografia do falante por meio de uma seqüência de orações que correspondem à ordem dos eventos originais". Assim, a narrativa deixa de ser vista como um mero recontar de eventos para ser entendida como algo que entrou na biografia do falante e que é avaliado emocional e sociamente, transformando-se em experiência. Labov entende a avaliação como "informações a respeito das conseqüências do evento sobre as necessidades e desejos humanos".

Labov reconhece que o trabalho de 1967 lidava com a organização temporal e avaliação e que "a discussão sobre narrativa ou outros eventos de fala, raramente, permitia provar alguma coisa. Era, essencialmente, um trabalho hermenêutico". Nesse novo texto, ele entende que o mais importante não é focar a produção da fala ou fazer experimentos controlados, mas sim entender

[1] Essa e todas as outras traduções são de minha responsabilidade.

o poder da narrativa na audiência. Essa observação de Labov é de singular importância para entendermos os artigos reunidos neste volume. As narrativas que servem de base aos diversos estudos não são analisadas em função de sua organização textual, mas sim da organização da experiência humana (ver Bruner 2002), da apreciação de si mesmo e de seu fazer como aluno ou professor. Como ressalta Polkinghorne, o objetivo de se estudar o significado narrativo é explicitar as operações que produzem um tipo particular de significado, e retirar as implicações que esse significado tem para a existência humana.

E o que é pesquisa narrativa?

Várias áreas do conhecimento vêm investigando a realidade reconstruída através de narrativas, além da história e da literatura, berço natural da narrativa. Já citamos Bruner, na educação, e Labov e Waletzky na lingüística, para apontar apenas dois exemplos mais próximos da lingüística aplicada, mas podemos encontrar referências à pesquisa narrativa em vários outros campos do conhecimento: na semiótica, na medicina, na enfermagem, na psicologia, na psicanálise, na comunicação, na sociologia, na tecnologia da informação, na antropologia, na filosofia, na arte, estudos *gays*, estudos feministas, etc. Basta usar qualquer mecanismo de busca na Internet para se ter acesso a referências de pesquisa narrativa nessas e em outras áreas.

Clandinin e Connely (2000, p.20) definem pesquisa narrativa como "uma forma de entender a experiência" em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado. A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo. Outra forma de fazer pesquisa narrativa é descrita por Polkinghorne (1995, p. 1) como análise narrativa, um tipo de estudo que reúne eventos e acontecimentos e produz uma história explicativa. Em síntese, a pesquisa narrativa usa as narrativas tanto como método quanto como fenômeno do estudo (PINNEGAR e DAYNES, 2007). Neste volume, a maioria dos capítulos se dedica à análise de narrativas, mas os artigos 9, de Vian Jr é, e 4 de Vassallo e Telles são bons exemplos de análise narrativa.

Lieblich, Tuval-Mashiach e Zilber (1998) apontam duas dimensões da pesquisa narrativa: a holística em oposição à categorial e a de conteúdo em

oposição à da forma. As autoras explicam que a primeira dimensão se refere à unidade de análise, ou seja, se são analisados excertos ou se a análise foca uma narrativa integral. A segunda dimensão diz respeito ao conteúdo, se a pesquisa se concentra no conteúdo integral da narrativa ou se busca significados específicos. Assim são possíveis 4 combinações? Conteúdo holístico, conteúdo categorial, forma holística e forma categorial. Tendo essas quatro classificações como referência, podemos dividir os artigos desse volume da seguinte forma:

Tipo de Pesquisa	Artigos
Conteúdo holístico	4, 5, 9
Conteúdo categorial	2, 3, 6, 7, 8
Forma holística	1
Forma categorial	

É natural que a maioria dos artigos se dedique a análise do conteúdo, pois a área de lingüística aplicada se caracteriza pelos estudos da linguagem como prática social. O artigo 1 de Rodrigues Junior pode ser classificado como uma pesquisa de *forma holística* tendo como alvo um modelo de análise que leva em consideração a estrutura genérica de narrativas de aprendizagem de aprendizes de inglês. No entanto, é relevante ressaltar que ao optar pela lingüística sistêmica, o autor não desvincula o significado da forma.

Os artigos 4, 5 e 9 apresentam uma *abordagem de conteúdo holístico*. No artigo 4, Vassalo e Telles analisam suas próprias histórias de aprendizagem, na modalidade *Tandem*, onde a primeira autora aprende português e o segundo estuda italiano. No artigo 5, Barkhuizen e Benson relatam como levaram professores a refletir sobre o processo de escrita de narrativas antes e depois de uma disciplina quando refletiam sobre um curso de formação de professor. Já Vian Jr., no artigo 9, desenvolve uma narrativa de experiências vividas em seu percurso profissional ao planejar nove cursos instrumentais de produção oral em inglês.

Os artigos 2, 3, 6, 7, 8 apresentam estudos de *conteúdo categorial.* No artigo 2, de Aragão, o interesse do pesquisador é investigar as emoções de aprendizes de inglês e no 3, Paiva identifica, em excertos de narrativas, aspectos do processo de aquisição de segunda língua entendido como sistema complexo. No artigo 6, Romero investiga três categorias – o afeto, o julgamento e apreciação – com o objetivo de entender como futuras professoras se posicionam ante a língua inglesa e como avaliam professores e

o próprio processo de aprendizagem. Em 7, Borges utiliza excertos de narrativas de professores de quatro línguas estrangeiras para identificar referências às abordagens de ensino de línguas estrangeiras e as influências dessas lembranças no uso de determinada abordagem na sala de aula. Finalmente, no artigo 8 de Malatér, o foco é a identidade profissional de uma professora de inglês.

Ao ler os artigos e suas narrativas é possível perceber como os narradores constroem sentido a partir de suas experiências aos lhes dar a forma de narrativas. A partir de uma experiência desordenada, os narradores criam enredos, e impõem ordem a um fluxo de experiências ao dar sentido a acontecimentos e ações em sua vida. (RIESSMAN, 1993).

Quem faz pesquisa narrativa é sempre confrontado com a indagação se o narrador está sendo verdadeiro. Isso nos leva, inevitavelmente, a outra pergunta. Existe realidade ou ela é também uma construção? Riessman (1993, p. 8) alerta que "os pesquisadores não têm acesso direto á experiência do outro. Nós lidamos com representações ambíguas dessa experiência – fala, texto, interação, e interpretação. Não é possível ser neutro e objetivo...".

Neste número especial da RBLA, o leitor encontrará narrativas de professores e alunos e diversas abordagens de análise. Como cada texto está aberto a várias possibilidades de leitura, esperamos que as "verdades" construídas pelas narrativas de experiências de ensinar e aprender e pelas narrativas dos pesquisadores aqui reunidos possam produzir, em colaboração com cada leitor, novos sentidos para as questões ligadas ao ensino e à aprendizagem de línguas. Afinal como lembra Riessman (1993, p. 22) "narrativas são interpretativas e também requerem interpretação".

Referências Bibliográficas

BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). Special issue on the experience of language learning. *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, v. 7, n. 2, 2002.

BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). *Learners' Stories:* Difference and Diversity in Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BRUNER, J. *Atos de significação*. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry*: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

KALAJA, P.; MENEZES, V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). *Narratives of learning and teaching EFL*. Londres: Palgrave/Macmillan, 2008.

LABOV, W. ; Waletzky, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. *Journal of Narrative and Life History*. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnB1>. Acesso em> 30 set. 2008.

LIEBLICH, A., Tuval-Mashiach, R. and Zilber, T. *Narrative Research:* Reading, Analysis and Interpretation. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

PINNEGAR, S.; J. G. DAYNES. Locating narrative inquiry historically. In: CLANDININ, D. J. *Handbook of narrative inquiry*: mapping a methodology. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2007.

POLKINGHORNE, D. E. Narrative configuration in qualitative analysis. *Qualitative Studies in Education*, v. 8, n. 1, p. 5-23, 1995.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

TODOROV, I. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

Narrative research: an introduction

Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva
UFMG/CNPq/FAPEMIG

The *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada (RBLA)*, in its eighth year of existence, is now sponsored by FAPEMIG and supported by the Federal University of Minas Gerais, which grants secretarial as well as regular communication support. This journal is indexed at MLA, Linguistics Abstracts, and Language Behavior. RBLA is also available on the Internet at http://www.letras.ufmg.br/rbla/. The printed versions are freely sent to the members of the Brazilian Association of Applied Linguistics.

On introducing this issue devoted to narrative research, I understand it is essential to answer two questions, "What is a narrative" and "What is narrative research"?

What is a narrative?

Different meanings of narrative circulate among us: a story told and retold; a report on real or fictitious events; the report of a series of events in a sequence; a sequence of past events; a series of logical and chronological events, etc. Narratives circulate in oral, written and visual textual versions and have been intensely investigated in Applied Linguistics. See, for instance, the special issue of the *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, edited by Benson and Nunan, in 2002, and the book organized by the same authors in 2005. See, also the book edited by Kalaja, Menezes and Barcelos (2008), reviewed in this volume.

For Todorov (1979, p. 138), a narrative begins "with equilibrium, where everything is balanced, progresses as something comes along to disrupt that equilibrium, and finally reaches a resolution, when equilibrium is restored". But the second state is never similar to the first. The instabilities, the changes and the new equilibrium, always different from the one in the initial phase, can be observed in several narratives in this special issue.

According to Bruner (2002), a narrative involves a sequence of events, mental states, occurrences having human beings as characters or actors. They

may be real or imaginary without losing its force as history. Bruner adds that we were born with a set of predispositions to think and interpret the world in a particular way and also to act upon our interpretations. These interpretations are of paramount relevance to researchers who want to listen to the voice of the participants, that is, the ones who want to develop *emic* research, which is the case of the studies in this special issue.

The narratives found in the research reports in this issue can be classified as reports on personal experiences. For Labov e Waletzky (1967, p.21-22), who worked with oral narratives, a narrative of personal experience is "as a particular way of reporting past events, in which the order of a sequence of independent clauses is interpreted as the order of the events referred to". In another work, Labov (1997) defines a narrative of personal experience as "a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the order of the original events." He distinguishes narrative from simple recounting of observations, affirming that "it will turn out that events that have entered into the speaker's biography are emotionally and socially evaluated, and so transformed from raw experience". Evaluation is understood as "information on the consequences of the event for human needs and desires".

Labov recognizes that "the discussion of narrative and other speech events at the discourse level rarely allows us to prove anything. It is essentially a hermeneutic study". In this new text (LABOV, 1997), he considers that the most important data that he has "gathered on narrative is not drawn from the observation of speech production or controlled experiments, but from the reactions of audiences to the narratives". Labov's observation is especially important for us to understand how the authors of the studies gathered together in this volume reacted to the narratives they work with. The narratives are not analyzed on the perspective of their textual organization, but on the perspective of the organization of human experience (see BRUNER 2002). As pointed out by Polkinghorne, "the aim of the study of narrative meaning is to make explicit the operations that produce its particular kind of meaning, and to draw out the implications this meaning has for understanding human existence".

And what is narrative research?

Besides history and literature, the natural realm of narrative, many research fields have been using stories to investigate reality (re)construction.

We have already quoted Bruner, in education, and Labov and Waletzky, in linguistics, to mention only two examples of fields which are close to applied linguistics. But references to narrative research can be found in semiotics, medicine, nursing, psychology, psychoanalysis, communication, sociology, information technology, anthropology, philosophy, gay studies, women studies, etc. Just use any web search engine and you will find on the Internet references to narrative research in many different areas.

Clandinin and Connely (2000, p. 20) define narrative research as "a way of understanding experience" involving "collaboration between researcher and participants, over time, in a place or series of places, and in social interaction with milieus". The most common narrative research can be described as a methodology which consists of gathering stories about a certain theme where the researcher will find out information about a specific phenomenon. In order to collect the data, several techniques can be used: interviews, journals, autobiographies, oral recording, written narratives, and field notes. Another form of research is what Polkinghorne (1995, p. 1) describes as a kind of inquiry which "gathers events and happenings as its data and uses narrative analytic procedures to produce explanatory stories". Summing up, "narrative inquiry embraces narrative as both the method and phenomena of study" (PINNEGAR and DAYNES, 2007, p.5). In other words, analysis of narratives and narrative analysis. In this volume, the majority of chapters focus the analysis of narratives, but articles 9, by Vian Jr., and 4, by Vassallo and Telles, are good examples of narrative analysis.

Lieblich, Tuval-Mashiach and Zilber (1998) point out two dimensions of narrative research: holistic versus categorical and content versus form. The authors explain that the first dimension refers to the unit of analysis, that is, whether excerpts or a complete text is analyzed. The second dimension refers to the distinction between the content and the form of a story. Four combinations are possible: holistic-content; categorical-content; holistic-form; categorical-form. Having these four classifications as reference, we can divide the articles on this volume in the following way:

Kind of research	Articles
Holistic-content	4, 5, 9
Categorical-content	2, 3, 6, 7, 8
Holistic-form	1
Categorical-form	

It is natural that most articles deal with content analysis as applied linguistics concern is language as social practice. Rodrigues-Junior's article can be classified as a kind of *holistic-form* research. He proposes a framework for the analysis of narratives of second language learning. Nevertheless, it is worth mentioning that the author works in the perspective of functional-systemic grammar, an approach which does not disregard meaning.

Articles 4, 5 e 9 present *holistic-content* research. In 4, Vassalo and Telles analyze their own tandem learning histories, the first learning Portuguese and the second Italian. In 5, Barkhuizen and Benson demonstrate how teachers reflected on their narrative writing processes before and after a coursework. Vian Jr., in 9, narrates his lived experiences of designing oral production courses in languages for specific purposes in order to reflect upon his professional experience.

Articles 2, 3, 6, 7, 8 present studies in a *categorical-content* format. In 2, Aragão investigates English language learners' emotions and, in 3, Paiva works with narrative excerpts to identify aspects of language acquisition, understood as a complex system. In 6, Romero investigates three categories – affect, appraisal and judgment – in order to understand prospective language teachers' concepts of learning and teaching. In 7, Borges works with narrative excerpts of narratives written by teachers of four different languages to analyze references to the EFL teaching approaches that remain in their memoirs. She also makes an attempt to identify the influence of these experiences in the narrators' teaching approaches. Finally, Malatér, in 8, focus the professional identity of an English teacher.

The reading of the articles and their respective narratives makes us understand how the narrators construct meaning having their experiences as starting points for narrative production. The narrators "impose order on the flow of experience to make sense of events and actions in their lives" (RIESSMAN, 1993, p. 2).

Narrative researchers are always confronted with the question concerning whether the narrator is telling the truth. This question inevitably leads us to another question: Does reality exist or is it constructed? Riessman (1993, p. 8) says: "Investigators do not have direct access to another's experience. We deal with ambiguous representations of it – talk, text, interaction, and interpretation. It is not possible to be neutral and objective…"

In this special RBLA issue, the reader will find teachers' and learner's stories and different approaches to their analyses. As each text is open to

different possible readings, we hope that the "truth" brought up by narratives of lived experiences and by the researchers' narratives gathered in this volume can assign, in collaboration with the reader, new meanings for the questions associated with teaching and learning languages. After all, as Riessman (1993, p. 22) points out, "narratives are interpretive and, in turn, require interpretation."

References

BENSON, P.; NUNAN, D. C. (Ed.). Special issue on the experience of language learning. *Hong Kong Journal of Applied Linguistics*, v. 7, n. 2, 2002.

BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). *Learners' Stories:* Difference and Diversity in Language Learning. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

BRUNER, J. *Atos de significação*. 2. ed.Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. *Narrative inquiry*: experience and story in qualitative research. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

KALAJA, P.; MENEZES, V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). *Narratives of learning and teaching EFL*. Londres: Palgrave/Macmillan, 2008.

LABOV, W. ; Waletzky, J. Narrative analysis. In: HELM, J. (Ed.), *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: U. of Washington Press, 1967. p. 12-44

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. *Journal of Narrative and Life History*. v. 7, n. 1-4, p. 395-415, 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnB1>. Acesso em: 30 set. 2008.

LIEBLICH, A., Tuval-Mashiach, R. and Zilber, T. *Narrative Research:* Reading, Analysis and Interpretation. Thousand Oaks, CA: Sage, 1998.

PINNEGAR, S.; J. G. DAYNES. Locating narrative inquiry historically. In: CLANDININ, D. J. *Handbook of narrative inquiry*: mapping a methodology. Thousand Oaks, London, New Delhi: Sage, 2007.

POLKINGHORNE, D. E. Narrative configuration in qualitative analysis. *Qualitative Studies in Education*, v. 8, n. 1, p. 5-23, 1995.

POLKINGHORNE, D. E. *Narrative knowing and the human sciences*. Albany, NY: State University of New York Press, 1988.

TODOROV, I. *As estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 1979.